



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – TEL

Curso de Graduação em Letras – Tradução Espanhol

ANA BEATRIZ BEZERRA
LIBANIO

**A TUITERATURA COMO MODALIDADE DE
VALORIZAÇÃO DA LITERATURA DIGITAL**

Brasília-DF

2021

ANA BEATRIZ BEZERRA LIBANIO

**A TUITERATURA COMO MODALIDADE DE
VALORIZAÇÃO DA LITERATURA DIGITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito à conclusão da disciplina Pesquisa em Letras – Tradução Espanhol e obtenção do grau de Bacharel em Letras – Tradução Espanhol.

Orientadora:

Prof.^a Dra. María del Mar Páramos Cebey

Brasília-DF

2021

ANA BEATRIZ BEZERRA LIBANIO

**A TUITERATURA COMO MODALIDADE DE
VALORIZAÇÃO DA LITERATURA DIGITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito à conclusão da disciplina Pesquisa em Letras – Tradução Espanhol e obtenção do grau de Bacharel em Letras – Tradução Espanhol, aprovado pela seguinte comissão examinadora:

Prof.^a Dra. María del Mar Páramos Cebey

Prof.^a Magali de Lourdes Pedro

Prof.^a Dra. Lucie Josephe de Lannoy

Brasília, maio de 2021.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Lúcia Bezerra, que, diante das dificuldades enfrentadas ao longo da graduação, esteve presente, inclusive nas chegadas tarde da noite. A minha trajetória certamente seria diferente se eu não contasse com o seu apoio, atenção e puxões-de-orelha. Obrigada por tanto.

À minha orientadora, María del Mar, que aceitou compartilhar da ideia deste projeto e me auxiliou de maneira ímpar, paciente e cuidadosa. Obrigada pelas inúmeras trocas durante esse período. Obrigada pela preocupação e pelo carinho.

Às minhas amigas Emily, Fabíola, Milena e Tatiana, que, quando expus, em 2018, o desejo de pesquisar tuitatura, acharam a ideia fantástica – como amigas que são. Obrigada por tantos momentos. Obrigada por sempre me fazerem acreditar que eu posso ser maior. E que o mundo pode (e será) melhor.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a valorização da tuitatura enquanto um importante gênero dentro da literatura digital. Utilizou-se como base os recentes estudos de Domleo e Narvay (2020) e de Silva (2020) para conceitualizar e defender a importância do gênero tuitário na disseminação da literatura digital. A fim de apresentar problemáticas que circundam a leitura literária para além da defasagem no ensino público brasileiro, foram utilizados conceitos como o Direito à Literatura, sustentado por Antônio Cândido (1995), na defesa de uma literatura inclusiva, participativa e democrática. A partir disso, construiu-se um panorama acerca da ascensão da tuitatura tanto no Brasil quanto na Espanha, tendo como foco tanto a recepção quanto a construção textual no âmbito do Twitter. Nesta perspectiva, traduziu-se a obra de Tanto Tupiassu, intitulada O menino de 11 anos, com vistas a ilustrar as singularidades desse gênero literário, bem como os potenciais problemas de tradução que o norteiam em razão das particularidades do Twitter.

Palavras-chave: tuitatura; literatura digital; valorização; direito à literatura.

RESUMEN

El principal objetivo de este trabajo es valorar la tuitertura como importante género dentro de la literatura digital. Para ello, se utilizaron los recientes estudios de Domleo y Narvay (2020) y de Silva (2020) para conceptualizar y defender la importancia de este género en la diseminación de la literatura digital. Con el fin de presentar los problemas que circundan la lectura literaria, más allá del desfase en la enseñanza pública brasileña, se utilizaron conceptos como el derecho a la literatura, defendido por Antonio Cândido (1995), en la defensa de una literatura inclusiva, participativa y democrática. A partir de ahí, se construyó un panorama sobre el aumento de la tuitertura, tanto en Brasil como en España, centrándose tanto en la recepción como en la construcción textual en el Twitter. De esta forma, se tradujo una obra de Tanto Tupiassu, titulada “O menino de onze anos” (El niño de once años), con el fin de ilustrar las singularidades de este género literario, así como los potenciales problemas de traducción que lo guían, debido a las particularidades del Twitter.

Palabras clave: tuitertura; literatura digital; valorización; derecho a la literatura

SUMÁRIO

#INTRODUÇÃO	8
1 #LETRAMENTO DIGITAL NO BRASIL	11
1.1 @Situação literária no Brasil	11
1.2 @Direito à literatura	12
1.3 @Literatura digital	14
1.3.1 @No ensino	15
1.3.2 @Nas redes sociais	16
2 #TWITTER E TUITERATURA	17
2.1 @O que está acontecendo?	17
2.1.1 @Discurso de ódio, usuários e filtro.....	18
2.2 @Panorama geral da tuitertura	19
2.3 @A <i>thread</i>	22
2.3.1 @Uma breve introdução à não ficção.....	30
3 #AUTORES TUITERÁRIOS	36
3.1 @Conhecendo as obras e os autores	36
3.2 @A tradução	39
3.2.1 @Comentários tradutórios.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1 INTRODUÇÃO

Desde o contexto da Guerra Fria, em que dois blocos antagônicos protagonizaram uma disputa não apenas territorial, mas de influência sobre o mundo, a Internet figura como uma ferramenta poderosa de compartilhamento e comunicação instantânea. Nesse sentido, ainda sob a ótica da criação da chamada Arpanet – primeira nomenclatura da referida rede –, soldados e cientistas tinham como objetivo a interligação entre atividades militares e atividades científicas – visto que, à época, era a principal motivação da corrida em busca da hegemonia mundial entre tais potências na supracitada Guerra. A motivação da Arpanet perdura até os dias atuais, dado que a interrelação entre dois ou mais polos é a principal característica da Internet.

Por interação, entende-se que não há possibilidade de apenas uma pessoa interagir consigo mesma, de modo que é obrigatório que haja uma segunda pessoa, seja por carta, telefone etc. Nesse viés, a Internet traz facilidade, celeridade e dinamicidade às interações, diferentemente da vagarosidade que caracterizava a comunicação antes da criação dessa ferramenta tecnológica, a qual se consolidou no mundo inteiro como indispensável à vida globalizada.

À medida que a tecnologia avança junto à globalização, vê-se que os meios de ensino, cultura, informação e sociabilidade também avançam. É certo que, com o aumento do alcance da Internet, não somente as interações humanas se moldaram a esse novo modelo de vida, mas à forma como são transmitidos conhecimentos, cultura, educação e, especialmente, a literatura, os quais sofreram mudanças significativas. Desde o final do século XX, a Internet teve um salto no número de usuários devido ao aprofundamento de integração não apenas no que tange à comunicação, mas também à economia, ao transporte, à diplomacia e à cultura. Povos do mundo inteiro, à luz do novo mundo globalizado, interagem entre si e compartilham informações a todo momento, de modo que o “muro” que dividia culturas, etnias, raças e crenças foi “derrubado”.

Com isso, surgiu o conceito de e-mail, uma ferramenta que possibilita que um usuário mande uma mensagem instantânea a outro. Após, percebe-se a necessidade de interações diversas, de compartilhamento de ideias através de páginas em *sites*, as quais ficaram conhecidas como redes sociais. A ideia é que nelas fosse possível adicionar amigos, enviar mensagens e, posteriormente, foi possível também adicionar fotos. Nesse contexto, o Twitter surge em 2006 com um novo conceito: o de *microblog*. Nesta rede social, criada por Jack

Dorsey, Evan Williams e Biz Stone, nos Estados Unidos, tem-se o compartilhamento de conteúdos escritos em formato micro, fotografias e vídeos – e, recentemente, foi a plataforma escolhida por alguns escritores para o fomento de uma nova modalidade de escrita: a tuitatura.

A tuitatura consiste no compartilhamento instantâneo de contos, histórias, crônicas e poemas no Twitter, de modo que qualquer usuário que tenha acesso à rede pode ter acesso, também, a esses escritos de maneira gratuita. Os escritores, em 2010, diante do surgimento dessa modalidade de literatura – eram majoritariamente anônimos, isto é, não publicavam livros, mas dedicavam-se aos escritos publicados em *blogs* e *microblogs*.

O Twitter, desde a sua criação, sofreu algumas modificações no seu formato original. Antes, era possível escrever apenas em 140 caracteres; atualmente, é possível escrever em 280 caracteres e, ainda, fixar um tuíte em outro, de modo que, embora os escritos estejam em tuítes diferentes e curtos, são interligados por um “fio” que permite que os escritos sejam sequenciais. A partir disso, surge o conceito de *thread* – fio, em português; *hilo*, em espanhol. A *thread* – ou fio, ou *hilo* – consiste na contação de uma história, informação, curiosidade ou conto em 280 caracteres por tuíte, cuja postagem pode se dar, ou não, na mesma hora; pode, ou não, ser liberada para interação em tempo real; e pode, ou não, conter imagens, vídeos e *gifs*.

O formato *thread* foi disponibilizado pela referida plataforma em 2017, mas se popularizou no ano seguinte a partir de influenciadores, jornalistas e escritores que utilizaram o recurso para transmitir informações correlacionadas sem que o tuíte se “perdesse”. Nesse contexto, a contação de histórias ganha maior visibilidade e novos seguidores, e se populariza também entre escritores que já publicam livros. O Twitter, então, passou a ser uma importante plataforma para aqueles que escolheram a Internet para divulgar escritos.

Diante do exposto, esta pesquisa tem como objetivo principal a valorização desse novo gênero literário – a tuitatura –, que, apesar de ter ganhado espaço nos últimos anos, ainda carece de estudos, incentivos e visibilidade. Do mesmo modo, este estudo visa a incentivar a democratização dos espaços de leitura, sobretudo no que concerne ao mundo digital, o qual tem crescido especialmente entre os jovens, além de abrir espaço para a discussão de uma interatividade entre tuitatura brasileira e tuitatura espanhola no futuro, em que o Twitter seja a ferramenta possibilitadora e facilitadora dessa interação de modo instantâneo, prático, gratuito e intercontinental.

Em um primeiro momento, refletiremos sobre a situação literária no Brasil, o acesso à leitura e as dificuldades enfrentadas pelo país no que diz respeito à literatura. Para isso,

utilizaremos como ponto de partida Antônio Cândido, o qual discute, em um de seus ensaios, o direito à literatura. Entendemos que, para que haja direito, deve haver valorização. A seguir, apresentaremos o Twitter e suas funcionalidades, entre elas – e inclusive – o espaço literário e seus nichos. Após, analisaremos a tuitatura tendo como base as contribuições de María Daniela Domleo e Agustín Narvay sobre o tema, e faremos um pequeno paralelo entre a tuitatura brasileira e a tuitatura espanhola. Ao final, traduziremos, sob a ótica de Christiane Nord e Roman Jakobson, um conto do escritor @tantotupiassu, e discutiremos sobre as especificidades tradutórias do estilo tuitário.

1 #LETRAMENTO DIGITAL E SITUAÇÃO LITERÁRIA

1.1 @Situação Literária no Brasil

Embora o avanço tecnológico seja notável no país entre as classes alta e média, não se pode negligenciar realidades como o analfabetismo. Em 2019, a taxa de analfabetismo no Brasil estava em 6,6%, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), o que representa 11 milhões de analfabetos. Segundo o estudo, além das diferenças entre as idades, o levantamento mostra que existem desigualdades raciais e regionais na alfabetização no Brasil. Em relação aos brancos, a taxa de analfabetismo é 3,6% entre aqueles com 15 anos ou mais. No que se refere à população preta e parda, segundo dados do IBGE, essa taxa é 8,9%. A diferença aumenta entre aqueles com 60 anos ou mais. Enquanto 9,5% dos brancos não sabem ler ou escrever, entre os pretos e pardos esse percentual é cerca de três vezes maior: 27,1%¹. Nessa perspectiva, percebe-se que a taxa de analfabetismo é maior entre negros e pobres, o que reflete a falta de assistência social a esses povos, sobretudo no que tange à educação.

Entre as pessoas alfabetizadas, nota-se, ainda, uma resistência à leitura, seja pela educação primária defasada, seja pela falta de incentivo à cultura e à literatura existente no país. Segundo o supracitado estudo, quase metade da população não leu nenhum livro em 3 meses. Além disso, é importante ressaltar que existem alguns fatores que contribuem para a baixa taxa de leitores no Brasil, a saber: das pessoas alfabetizadas, poucas têm o capital para comprar livros; das que têm capital para comprá-los, poucas efetivamente se interessam pela leitura. Nesse sentido, Roberto Schwarz (1964-1969) enfatiza que, ao contrário do que se pensa – que os detentores do capital são os que leem e usufruem da cultura –, a elite intelectual, na realidade, não lê – ou lê muito pouco.

No contexto de Ditadura Militar no Brasil, o hábito da leitura que acreditava-se predominar entre a elite deu lugar ao teatro, à música, ao cinema e ao jornalismo, ao passo que a literatura era deixada de lado e vista como “de esquerda”. Talvez esse pensamento tenha ganhado lugar também atualmente, e a leitura seja vista “coisa de esquerda”, o que contribui para a ojeriza à intelectualidade literária. Paralelamente a isso, à época da Ditadura, a alfabetização era sinônimo de participação política, o que atrasou a alfabetização daqueles que

¹ AgênciaBrasil (agenciabrasil.ebc.com.br).

não faziam parte da elite. Segundo Schwarz (1964-1969), além de negar participação política, o analfabetismo negava aos analfabetos dominados pela elite a transmissão do saber:

(...) nem a leitura é um procedimento que qualifique simplesmente para uma nova profissão, nem as palavras e muito menos os alunos são simplesmente o que são. Cada um destes elementos é transformado no interior do método, - em que de fato pulsa um momento da revolução contemporânea: a noção de que a miséria e seu cimento, o analfabetismo, não são acidentes ou resíduo, mas parte integrada no movimento rotineiro da dominação do capital. Assim a conquista política da escrita rompia os quadros destinados ao estudo, à transmissão do saber e à consolidação da ordem vigente. (SCHWARZ, 1964-1969, p. 69)

Atualmente ainda predomina a falta de incentivo à leitura e a ideia de que a leitura é monopólio de intelectuais. Pelo contrário: a leitura pode e deve ser acessível, sobretudo tendo como suporte a Internet – tão presente na vida das pessoas a todo o tempo. Nesse sentido, salienta-se que “a propagação da leitura depende ainda de uma valorização positiva do lazer, já que os livros constituíram uma das primeiras manifestações baratas e acessíveis de entretenimento” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996). Isto é, assim como a Televisão, o Rádio e a Internet, o hábito da leitura deve ser explorado como atividade de lazer, atividade acessível a todos em qualquer lugar.

1.2 @Direito à literatura

Antônio Cândido (2004) traz o direito, em termos de cláusulas inerentes ao bem-estar social, para o campo literário e instiga a pensar em educação vs. literatura como pilares individuais, ainda que correlacionados entre si. Nessa perspectiva, sabe-se que a onda ultraconservadora, sobretudo a partir do advento das redes sociais, tem sido reprimida. Ostentar um símbolo nazista, por exemplo, é crime previsto na Constituição Federal. As pessoas – inclusive pessoas-internautas – admite que o pobre deve ter direitos, mas será que pensam que o pobre deve ter direito à leitura de Dostoiévski? (CÂNDIDO, 2004, p. 164). O direito à literatura é muito mais que o direito ao acesso a livros ou escritos diversos; é um direito à participação na cultura, seja ela canônica ou não. Do mesmo modo, a distribuição da cultura de modo equânime para ricos e pobres deve ser um direito, o qual perpassa pelo direito à educação.

Cândido (2004) aponta, ainda, que a literatura ultrapassa barreiras educacionais, uma vez que o espaço imagético, imaginário, a partir de devaneios, sonhos ou confabulações independem de letramento, pois

não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. [...] está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (CÂNDIDO, 2004, p. 177).

Embora o direito à literatura esteja intimamente relacionado ao acesso a todo e qualquer tipo de obra, tanto erudita quanto popular, mas principalmente erudita, nesta pesquisa buscamos focalizar o direito à literatura no que tange ao direito de participar das evoluções digitais presentes no mundo globalizado, sendo o Twitter um suporte imprescindível para a ascensão da tuitatura como um potencial gênero literário mais democrático. Isso porque, culturalmente, no Brasil, o celular com acesso à Internet se tornou indispensável à vida social, de modo que a população pobre tem sido incluída – e auxiliado na construção – do espaço virtual. Para exemplificar, de acordo com a pesquisa TIC Domicílios, realizada pelo Centro Regional e Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), em 2019, 74% da população tinha acesso à Internet, o que correspondia a 134 milhões de pessoas e 71% dos lares do país².

Nesse contexto, pensamos na Internet como rede potencializadora do exercício do direito à literatura proposto por Cândido, sobretudo em se tratando de jovens alfabetizados. No Twitter Brasil, por exemplo, calcula-se que a maioria dos usuários têm idades entre 21 e 44 anos, segundo estimativa realizada pelo GlobalWebIndex em 2015. Por outro lado, sabemos das dificuldades enfrentadas pela população mais pobre no que concerne ao acesso à literatura e, exatamente por isso, a rede social objeto deste estudo pode ser ferramenta de fomento do direito à literatura.

Ainda nessa perspectiva, entendemos que as problemáticas que permeiam a leitura literária são diversas, e aqui ressaltamos a condição de leitor que não adentra no mundo literário da obra que lê. Por essa razão, é importante pontuar que, quando falamos de leitura literária, não falamos simplesmente sobre o ato de ler um livro aleatório. Também as leituras às quais temos acesso – de jornais, notícias, no WhatsApp –, não nos trazem qualquer fragmento de fantasia ou de saciedade cultural, de pertencimento na obra. Nem todos os livros são para todos os grupos de indivíduos; nem todos os indivíduos sabem ler, de fato, um livro.

Cândido enfatiza que “as produções literárias, de todos os tipos e de todos os níveis, satisfazem a necessidade básica do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que

² (brasildefato.com.br).

enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo.” (CÂNDIDO, 2004, p. 185), isto é, a leitura literária deve ocupar o lugar de satisfação, de entendimento do mundo literário e das percepções que temos sobre ele. Infelizmente, as barreiras para que tal leitura se estabeleça como um critério básico de vivência cultural entre os povos ainda são enormes e, exatamente por isso, é que se deve buscar novos caminhos de potencialização e democratização da área literária.

1.3 @Literatura digital

Denominada “literatura eletrônica” (HAYLES, 2008), mas estabelecida na América Latina como “literatura digital”, não vem se consolidando face à literatura impressa; mas de maneira complementar e independente. Para Hayles – curadora da ELO – *Electronic Literature Organization*, que trata de investigar a literatura produzida no meio digital –, a literatura digital é uma literatura nascida no meio digital, ou seja, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente) lido em uma tela de computador (HAYLES, 2008, p. 20). Trata-se de obras escritas no e para o meio digital, seja por meio de um computador – com ou sem rede – ou qualquer outro meio como suporte.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que a literatura digital tem como característica principal – e que a diferencia de maneira implacável da literatura impressa – a inserção de *hiperlinks*, hipertextos, vídeos etc. que impedem a sua transposição para formatos como o e-book, por exemplo. Isso porque literatura digital não é a mesma coisa que literatura digitalizada. Esta consiste em transpor uma obra para o formato digital; enquanto aquela consiste na elaboração de obras para um suporte específico, como é o caso da tuitatura.

Enfatizamos que a literatura digital não visa se desprender dos recursos literários desenvolvidos ao longo dos séculos, tampouco criar um estilo literário completamente adverso àquele que temos ciência desde a infância ou considerar que a literatura canônica é ultrapassada. Pelo contrário, a literatura digital utiliza recursos oriundos de autores como Jorge Luís Borges ao empregar a citação e as notas de rodapé em suas obras. Ora, foi exatamente assim que surgiu o conceito de tuitatura: a partir de um compilado de obras canônicas adaptadas ao mínimo de caracteres em uma “rede social de arquitetura tão definida pela mobilidade e descontinuidade como o Twitter” (SILVA, 2020, p. 46).

Hayles (2008) aponta que as duas modalidades literárias supracitadas são concomitantes e, por esse motivo, não podem ser excludentes. Ao contrário do que se pensava no início do século XXI, com a ascensão da Internet e de textos digitais, a literatura canônica

ou impressa não tem se tornado obsoleta à medida que cresce a literatura digital, mas sim que a:

tentativa do romance impresso de demonstrar superioridade sobre a textualidade eletrônica está assim inextricavelmente entrelaçada com o reconhecimento simultâneo de que a textualidade eletrônica torna possíveis muitos dos seus desenvolvimentos inovadores. (HAYLES, 2008, p. 166).

De outro lado, percebe-se que atualmente a literatura digital é objeto pouco analisado pelos pesquisadores do campo literário, de modo que as pesquisas acerca do tema carecem de estudos aprofundados sobre gêneros literários surgidos a partir da Internet. Nesse passo, a literatura não deve ser vista como “declínio progressivo do veículo mais importante para expressarmos nossa visão de mundo” (BAUMAN; MAZZEO, 2020, p. 21), mas como uma potente modalidade de disseminação da leitura literária de maneira gratuita, atemporal e diversa.

1.3.1 @No ensino

Com o início da Era Digital, naturalmente a Internet impulsionou (e impulsiona) diversos campos do cotidiano, a exemplo da música, do cinema e do ensino. Em se tratando de literatura, porém, ainda há um caminho a ser percorrido pela área literária até que alcance espaço e se consolide como campo de força dentro e fora da Internet.

Nesse ínterim, o ensino, notadamente nos últimos anos, e principalmente a partir da pandemia do Covid-19, abrangeu o modo remoto e se viu diante da obrigação de reinvenção tanto por parte das instituições de ensino e docentes quanto por parte dos próprios alunos. Embora o ensino remoto hoje seja uma realidade no mundo, a desigualdade ainda é latente: aqueles que não têm acesso ilimitado à Internet; que moram em áreas de difícil cobertura de rede; aqueles que têm poucos recursos financeiros; bem como aqueles que têm limitações mentais e psicológicas se veem ficando para trás no que concerne ao ensino e ao crescimento pessoal e profissional, principalmente em países em desenvolvimento, como o Brasil, em que há uma enorme desigualdade no acesso a ferramentas tecnológicas e à especialização.

Por outro lado, salientamos que a literatura digital e o ensino são campos coexistentes na Internet, pois não há ensino no meio digital sem literatura e não há literatura sem ensino. Ora, se falamos de ensino enquanto potencializador do pensamento crítico, da transmissão e disseminação do conhecimento e de acesso a lugares distintos àqueles vivenciados pela maioria dos indivíduos-médio – trabalho, família, religião –, também a literatura o é. Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, também reforça esse pensamento ao apontar que ensinar

não é simplesmente transferir conhecimento de X ou Y, mas tornar possível as possibilidades de produção e construção do Ser. Por isso, tratamos da premissa de que a literatura digital, especificamente no que tange à tuitatura, é peça fundamental em tempos de ensino remoto (e para além dele).

Espera-se, portanto, que tanto a tuitatura, a partir de microcontos, quanto as *threads* sejam ferramentas precursoras da inserção da área literária aos alunos imersos no contexto das redes sociais. Nesse viés reforça Silva:

Os microcontos são uma forma inovadora de se trabalhar gêneros literários a partir de uma nova perspectiva, em que se faz uso das tecnologias de informação e comunicação para se estudar a linguagem, a sua relação com o mundo e a forma como produz sentidos para os sujeitos. (SILVA, 2013, p. 85).

1.3.2 @Nas redes sociais

É fundamental salientar que o livro não está sendo e não deve ser substituído pelo digital – estas devem ser uma extensão dele, já vez que ambos os suportes atuam como pilar de sustentação da cultura literária. Do mesmo modo, é inegável que as novas formas de literatura advindas da Revolução da Internet devem ser potencializadas e moldadas de acordo com as necessidades dos atores sociais, isto é, dos usuários. Com isso e diante da evolução das redes, as formas de ler e escrever foram modificadas de acordo com o meio, sendo o caso, por exemplo, das constantes modificações do Twitter. Nesse sentido sustenta Recuero (2014):

Embora os sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes. É o caso do Fotolog, dos weblogs, do Twitter etc. São sistemas onde não há espaços específicos para perfil e para a publicização das conexões. Esses perfis são construídos através de espaços pessoais ou perfis pela apropriação dos atores. (RECUERO, 2014, p. 103)

A literatura, então, deve se moldar às modificações nas redes sociais ao longo do tempo, ao passo que os atores sociais são os agentes de tais modificações e, também, sustentadores da literatura.

2. #TWITTER E TUITERATURA

2.1 @O que está acontecendo?

A partir do e-mail, percebe-se a necessidade de interações diversas, de compartilhamento de ideias através de páginas em *sites*, as quais ficaram conhecidas como redes sociais. A ideia é que nelas fosse possível adicionar amigos, enviar mensagens e, posteriormente, também adicionar fotos. Nesse contexto, o Twitter surge em 2006 com um novo conceito: o de *microblogging* (HONEYCUTT; HERRING, 2009). Nesta rede social, criada por Jack Dorsey, Evan Williams e Biz Stone, nos Estados Unidos, inicialmente tem-se o compartilhamento de conteúdos escritos em formato micro, compacto e direto, de no máximo 140 caracteres, precedidos pela pergunta “O que você está fazendo?”. Tal particularidade é a principal diferenciadora do Twitter com relação às demais redes sociais, como o Facebook e o Instagram.

Em segundo plano, tem-se as *hashtags* – posteriormente adotadas pela maioria dos sites –, as quais permitem que o usuário seja direcionado às postagens relacionadas ao mesmo tema ou discussão, como a *#BlackLiveMatters*, impulsionada após o assassinato de George Floyd, nos Estados Unidos. Segundo pesquisa realizada pela ONG Pew Research Center, *#BlackLiveMatters* foi tuitada cerca de 47,8 milhões de vezes no Twitter – uma média de pouco menos de 3,7 milhões de vezes por dia – de 26 de maio a 7 de junho de 2020. Nota-se, portanto, que as *hashtags* figuram como um artifício poderoso utilizado para gerar engajamento em assuntos que estão em evidência no momento, os quais são caracterizados por integrarem os *Trending Topics*. Além disso, os usuários são seguidores e seguidos conforme as suas preferências de conteúdo; podem, ainda, escolher entre ser seguidos por qualquer usuário ou limitar essa função, restringindo o acesso à conta.

Ao longo dos anos, a plataforma sofreu algumas modificações no seu formato original: atualmente, é possível inserir vídeos, imagens, *gifs*, áudio e *links* nos tuítes. A principal otimização realizada pelos desenvolvedores do Twitter, contudo, é a ampliação de caracteres por tuíte – 280 – e fixar um tuíte a outro, de modo que, embora os escritos estejam em tuítes diferentes e curtos, são interligados por um “fio” que permite que os escritos sejam sequenciais. A partir disso, surge o conceito de *thread* – fio, em português; *hilo*, em espanhol.

É importante salientar, ainda, que o Twitter se diferencia das demais redes sociais pelo caráter interativo, de sujeitos comuns, os quais expressam pensamentos, críticas, anedotas etc., literários ou não. Silva (2020) pontua que

o Twitter pode ser compreendido como uma espécie de grande amplificador das vozes de sujeitos comuns e de seus processos de existência e construção de identidades em rede. Estes se fazem presentes em alto e bom som na miríade das redes e conexões, sendo o microconto, enquanto prática de escrita literária, uma dessas manifestações sonoras, a qual procuramos capturar. (SILVA, 2020, p. 95).

Relativamente aos números que envolvem a plataforma, no ano de 2020 o Twitter contava com cerca de 330 milhões de usuários mensais, sendo 41 milhões do Brasil – atrás apenas dos Estados Unidos, com 151 milhões de usuários.

2.1.1 @Discurso de ódio, usuários e filtro

Diante da inimitabilidade que a Internet possibilita aos usuários, especialmente em virtude do anonimato digital e principalmente a partir da última década, em que a polarização política tem se mostrado mais evidente, as redes sociais têm sido palco da proliferação de discursos de ódio. Por isso, faz-se necessário refletir sobre a condição dos usuários em um não-lugar (Marc Augé, 1992) dentro do Twitter. Augé considera que não-lugar é onde há a possibilidade de haver relações interpessoais, como um supermercado, mas que estas, em razão da superficialidade das conexões, são nulas. Talvez o discurso de ódio tenha a ver com isto: se não há conexão direta, dado que o Twitter enquanto não-lugar proporciona ao usuário o gozo do anonimato, os discursos de ódio são enraizados. Felizmente, porém, dentro do nicho da tuitatura, vemos que o que predomina são os interesses literários e, por essa razão, as discussões acerca de questões político-sociais não são pautadas na maioria das vezes. Trata-se de um nicho voltado para escritores e leitores conectados por um interesse em comum: a literatura.

Do mesmo modo, o Twitter permite a seletividade de interações. Domleo e Narvay (2020) pontuam que essa seletividade se dá quando usuários ativos encontram e compartilham experiências com outros usuários ativos, os chamados *heavy users*³:

A primeira característica destes usuarios é o fato de serem *heavy users* no Twitter. Isto é, são todos os usuarios ativos que utilizam a plataforma como fonte de informação e entretenimento. Além disso, estes usuários estão familiarizados à rede e todas as suas características, sabe utilizá-la e está inteirado diante das atualizações. O objetivo dos escritores de tuitatura é entreter esses usuários. Mais do que isso: um dos objetivos é que as pessoas que não têm o hábito de ler literatura possam se

³ São considerados consumidores potenciais de um determinado produto ou serviço.

entreter com uma história em um formato totalmente diferente do que qualquer livro oferece. (DOMLEO; NARVAY, 2020, p. 54, tradução nossa).

Nesse sentido, é possível que o usuário filtre quem poderá ter acesso ao seu conteúdo ou à sua conta; permite quem pode interagir, ou não, com um determinado tuíte; e permite bloquear contas que disseminem discursos de ódio. A tuitatura, portanto, pode ser um nicho alheio à nocividade dos tempos de ódio nas redes sociais e, por outro lado, ser um nicho que explora, dissemina e cultiva a literatura digital.

2.2 @Panorama geral da tuitatura

A tuitatura consiste no compartilhamento instantâneo de contos, histórias, crônicas e poemas no Twitter, de modo que qualquer usuário que tenha acesso à rede pode ter acesso, também, a esses escritos de maneira gratuita. Vale destacar que a literatura digital é precursora do que, atualmente, é chamado de tuitatura – termo inicialmente utilizado por Alexander Aciman e Emmett Rensin, em 2009, para fazer referência a textos de autores como William Shakespeare, publicados no Twitter de maneira adaptada à plataforma e aos pormenores que permeiam o ciberespaço, como o viés humorístico e sarcástico.

Nessa perspectiva, percebe-se uma nova adaptação das obras clássicas e o surgimento de uma nova modalidade literária, com foco em microtextos e direcionado a um novo público: os tuiteiros. Isso não quer dizer que seja um público diferente daquele que já consome a literatura digital, como e-books, mas um público que consome e produz novas formas de criação de conteúdo e disseminação de cultura e novas ideias dentro do contexto do ciberespaço. Para Silva (2020), a tuitatura “surge no bojo de um movimento cultural estruturado a partir da remixagem, da customização, da contestação e da resistência em relação aos processos tradicionais de produção literária.”. Isto é, é possível observar que as publicações no Twitter de cunho literário têm sido fomentadas, inclusive, por autores que não têm a escrita como única fonte de trabalho e renda; são, muitas vezes, amadores.

Com o advento da tuitatura, alguns perfis se destacaram como disseminadores desse conteúdo e obtiveram muitos seguidores através de contos publicados em formato de *thread* que viralizaram na rede, de modo a alcançar diversas camadas. Isso porque o algoritmo da plataforma, além dos retuítes e curtidas, faz com que o tuíte se mantenha viral pelas próximas horas. Desse modo, mesmo que o usuário não siga o perfil que publicou um microtexto, por exemplo, tem acesso à leitura dele de modo instantâneo, além da possibilidade de interagir com o autor. A instantaneidade é, portanto, peça-chave na disseminação da tuitatura.

É importante destacar que a tuitatura, ainda que iniciada nos primeiros anos do Twitter, enfrenta dificuldades para se firmar como um gênero literário. A rede social em questão sofreu algumas modificações desde a sua criação, em 2006. Camargo (2010), ao discorrer sobre as limitações da plataforma para abarcar textos literários, enfatiza que

pela organização básica do Twitter ser baseada na dos blogs, sempre em ordem cronologicamente inversa (*apud* PRIMO, 2008), cria-se uma dificuldade em acompanhar a narrativa. Tal problemática é um agravante para a perfeita absorção do conteúdo publicado, uma vez que se torna uma tarefa difícil recuperar mensagens publicadas no Twitter há muitos meses. (CAMARGO, 2010, p. 5.)

Nesse sentido, a tuitatura tinha como agravante a não linearidade das publicações, o que limitou tanto a modalidade literária quanto a absorção desse conteúdo por parte dos leitores. Tal limitação, porém, foi sanada a partir de uma atualização em 2017, a qual possibilitou que os tuítes fossem sequenciados através de uma linha – o que ficou conhecido como *thread*. Dessa maneira, os microtextos podem ser escritos de forma linear, de modo que, independentemente do espaço-tempo, retem sequenciados. Vale ressaltar, ainda, que as *threads* podem ser, além de literárias, “exemplos ricos para reflexões a respeito do tema” (ROCHA; NETO, 2020, p. 03), dado que as subjetividades argumentativas, ainda que não fidedignas, como os conteúdos ficcionais, refletem na construção do pensamento crítico.

Silva (2020) pontua o caráter fluido dos microcontos publicados no Twitter, de modo que tal fluidez reflete na dinâmica entre ator-social e público-leitor:

A estética que se movimenta, que produz um texto o qual podemos vislumbrar através da imagem de “um ponto de passagem, uma significação sempre movente ou movediça (dependendo do uso que fazemos dela e que ela faz de nós) e não como uma ancoragem, quer dizer, uma estabilização do duo significante-significado em torno de um sujeito constituinte ou transcendental” (*apud* SANTOS, 2009, p. 44). Assim sendo, podemos destacar outro aspecto nesta discussão quando entendemos a frase mote para as postagens do Twitter, a qual seja “O que está acontecendo?”, como uma lembrança perene do fluxo, do gerúndio, da natureza em movimento da criação literária, que procuramos compreender. Eis a tuitatura. (SILVA, 2020, p. 64).

No Brasil, o contexto é semelhante ao dos países que adotaram o Twitter como plataforma de disseminação de ideias. No que tange à ascensão dos microcontos, a exemplo das publicações editoriais que contêm tuítes compilados, como o livro *Clássicos da tuitatura brasileira*, com textos escritos por Fabrício Carpinejar e Xico Sá, por exemplo. Vale destacar, ainda, que a tuitatura foi tema de uma mostra de curadoria de Giselle

Zamboni, na qual foram selecionadas e publicadas criações literárias através da *hashtag* #tuitertura. Na mostra em questão, a inclusão e acessibilidade foram fundidas aos tuítes, dado que eram disponibilizados em soluções cenográficas em braile sonoras.

Relativamente às *threads*, a tuitertura ainda é pouco documentada e analisada, haja vista que há poucos estudos nesse sentido – daí a dificuldade de inseri-la em um espectro literário, isto é, designá-la “tuitertura é isso!”, dado que seus textos estão em todos os espectros imagináveis porque o Twitter é lugar de – todos – os tipos textuais. Por essa razão, é impreciso situar o nicho que predomina entre as publicações de *threads*.

Manuel Bartual, precursor da popularização do fio em língua espanhola com o texto intitulado *Todo está bien*, cujo alcance, atualmente, soma mais de 100 mil curtidas e mais de 80 mil retuítes na rede, é também o criador do *site* La Hiloteca. Nele, os melhores fios em língua espanhola são selecionados e compilados nesse local a fim de que não se percam no meio digital, além de facilitar a busca por eles, haja vista serem elencados e categorizados por gênero. Nessa mesma perspectiva, a *Feria del Hilo* – premiação criada em 2017 para os melhores fios – é peça fundamental na valorização e disseminação da tuitertura. Percebe-se, portanto, que o Twitter Espanha tem impulsionado a modalidade tuitéria devido ao potencial de alcance dos textos publicados na plataforma, bem como tem buscado meios de valorizar os escritores por meio de premiações e maior visibilidade. Do mesmo modo, o caráter democrático da rede social contribui para a visibilidade do gênero, como ressaltam Domleo e Narvay (2020), ao afirmar que

este tipo de literatura permite uma acessibilidade quase universal, em que apenas um acesso a um smartphone conectado à internet é necessário. A tuitertura não conhece impressões, tempos editoriais nem dinheiro para que seja possível ler histórias. (DOMLEO; NARVAY, 2020, p. 85, tradução nossa).

Embora Brasil e Espanha tracem caminhos semelhantes de fomento à tuitertura, como a produção de *threads* com potencial viral, de engajamento e valorização da nova literatura, há percalços que diferenciam os dois países no que concerne à tuitertura: a cultura, por certo, é o maior deles, seguida da valorização da literatura e do ensino. Segundo pesquisa realizada pelo Picodi.com, o Brasil está em 8º lugar entre países que mais leem; enquanto a Espanha ocupa o 3º lugar. Outro ponto a ser destacado é a repercussão, sobretudo midiática, dos concursos realizados, por exemplo, pela *Feria del Hilo*, a qual potencializa significativamente o alcance das *threads*.

Por outro lado, vale destacar que esse gênero literário tem ganhado leitores de todas as idades e cantos do país e, por consequência, tem se tornado relevante na rede – e fora dela.

Exemplo disso é que, em paralelo à tuitatura na Espanha, no Brasil também tem ascendido os concursos de fios. Se, por um lado, há a Hiloteca e a *Feria del Hilo* na Espanha, no Brasil há o Concurso de Fios de Terror, idealizado por @tantotupiassu e patrocinadores. Em 2010, início da difusão da tuitatura na rede, a Academia Brasileira de Letras realizou um concurso de microcontos. Dois anos mais tarde, houve um concurso idealizado pela Veja e Globo Livros, o qual premiou o tuíte que melhor resumisse – à época, em 140 caracteres –, a saga de Sherazade no Livro das Mil e uma Noites. Nesse passo, os dois últimos concursos citados são voltados para o gênero literário, não se confundindo com a tuitatura que vemos após os 280 caracteres, posto que as *threads* são construídas não somente pensando na literatura, mas também nos demais campos sociais e culturais.

2.3 @A *thread*

As mídias sociais, desde a sua criação, vêm se adaptando ao contexto em que estão inseridas. As constantes inovações cibernéticas obrigam as já existentes a acompanharem o ciclo natural das ferramentas tecnológicas: são criadas, modificadas e, quando não mais aceitas, findadas. Nesse contexto, a cibercultura está sob a égide metafórica da chamada Lei da Reconfiguração (LEMOS, 2003), em que há duas possibilidades dentro do ciberespaço: substituição ou aniquilamento. Assim, as redes sociais estão em constante transformação, seja para melhorar o desempenho de tais plataformas, seja para abarcar as necessidades dos atuais usuários. A partir do crescimento do Twitter enquanto plataforma de calorosas discussões sociais, políticas e culturais através do espaço globalizado, viu-se a necessidade de proporcionar a expressão e a discussão de ideias aprofundadas, técnicas e, principalmente, sequenciais. Surge, então, o conceito de *thread*.

A *thread* consiste na contação de uma história, informação, curiosidade ou conto em 280 caracteres por tuítes interligados e sequenciais, cuja postagem pode se dar, ou não, na mesma hora; pode, ou não, ser liberada para interação em tempo real; e pode, ou não, conter imagens, vídeos e *gifs*.

O formato *thread* foi disponibilizado no Twitter em 2017, mas se popularizou no ano seguinte a partir de influenciadores, jornalistas e escritores que utilizaram o recurso para transmitir informações correlacionadas sem que o tuíte se “perdesse”. Nesse contexto, a contação de histórias ganha maior visibilidade e novos seguidores, e se populariza também entre escritores que já publicam livros. Sasank Reddy, gerente de produtos do site, publicou na plataforma oficial que:

No Twitter, temos um histórico de estudar como as pessoas usam nosso serviço e, em seguida, criar recursos para tornar o que estão fazendo mais fácil. O retuíte, @reply e *hashtag* são exemplos disso. Há alguns anos, percebemos que as pessoas juntavam criativamente os tuítes para compartilhar mais informações ou contar uma história mais longa – como esta. Vimos essa abordagem (que chamamos de *threading*) como uma forma inovadora de apresentar uma linha de pensamento, composta de elementos conectados, mas individuais. (tradução nossa).

Vale frisar, porém, que, naturalmente, textos literários e informativos são construídos em *threads* com finalidades distintas, de modo a causar impactos distintos. O gênero literário constitui o campo ficcional – ou de não ficção – e não se preocupa com a veracidade dos fatos; enquanto o gênero informativo constitui o campo social, político, jornalístico e científico, em que a veracidade dos fatos deve ser levada em conta. Nesse sentido, os escritores de *threads* são diversos e, muitas vezes, não se encaixam na categoria escritor – por óbvio, a mera publicação de uma ideia na Internet não faz um escritor.

Dentro do conceito de *thread*, é possível identificar diferentes tipologias textuais, destacando-se, neste estudo, o literário. Contudo, vale frisar que as redes sociais, como documentado, inclusive, no campo historiográfico, geográfico e político, têm sido palco de diferentes manifestações e discussões acerca de marcos temporais.

Um exemplo disso foi a participação massiva dos usuários do Twitter no contexto da Primavera Árabe em 2011. Segundo a colunista Luciana Coelho de Washington, em texto publicado na Folha de São Paulo à época, “A revolução foi, sim, tuitada”, e que “o Twitter e outras redes sociais foram o pivô das revoltas populares que derrubaram ditadores na Tunísia e no Egito no início do ano”. Nesse contexto, infere-se que a pergunta “O que está acontecendo?” não mais significava algo trivial que coubesse em 140 caracteres, dado que passou a ser a precursora do manifesto de milhares de usuários inseridos naquele contexto. Tal manifestação deu continuidade à marcante campanha do Ex-Presidente Barack Obama à Presidência dos Estados Unidos, a qual utilizou a rede social para impulsionar a corrida presidencial em 2008.

Nesse contexto, cumpre ressaltar que em 140 caracteres é perfeitamente possível se manifestar de forma clara e sucinta, de modo a impactar milhões de pessoas, como o fez Barack Obama em 2012, ano de sua reeleição: “Four more Years”. Obama anunciava sua reeleição por meio do Twitter – e, naquele momento, era o usuário mais seguido da rede. A partir das atualizações dos últimos anos, porém, as manifestações políticas – ou quaisquer outras – podem ultrapassar a obsolescência de 140 caracteres, por meio de um texto elaborado, didático e direcionado.

Além do conteúdo político-social e literário, os usuários do Twitter fomentam a discussão de temas triviais, atuais, de cunho pessoal ou de uma determinada comunidade cujos interesses em comum são pilares de uma interação entre autor-leitor e seguido-seguidor. Programas de televisão, atualidades, *marketing* e famosos são alguns dos assuntos discutidos ao redor do mundo virtual, os quais exemplificamos à continuação.

Política - @fatouoficial

<https://twitter.com/fatouoficial/status/1376688356235546626>



Neste nicho do Twitter a responsabilidade com o que é ficção, não ficção ou fato deve ser prioridade dos que compartilham publicações de teor político, uma vez que, embora o formato *thread* seja um multiplicador de conteúdo, o modo de texto comprimido pode abrir lacunas ao entendimento do leitor. Vale ressaltar, porém, que tanto os autores quanto os leitores são responsáveis pelo que está sendo disseminado na Internet: se, como leitores, compartilhamos algo que sabemos ser inverídico, estamos contribuindo para a disseminação da desinformação; do mesmo modo, se, como escritores, compartilhamos algo que sabemos ser inverídico, estamos contribuindo para a disseminação da desinformação. Por isso, é importante citar a responsabilidade textual e informacional como pilar de uma sociedade inserida em contextos digitais.

Nessa perspectiva e diante dos recentes acontecimentos políticos no Brasil, @fatouoficial publicou em sua conta uma *thread* intitulada “O que *tá rolando* na política brasileira – *thread* para você que *tá perdido no rolê*”, onde são elencadas informações acerca das trocas de ministros que culminaram na demissão de comandantes das Forças Armadas Brasileiras. Nela, @fatouoficial confabula sobre um possível Golpe de Estado em curso em razão das trocas e demissões – o que, *a priori*, não é uma desinformação, mas traz à tona uma questão de interesse geral: a atual situação política no país. A *thread* teve um alcance expressivo de 36 mil curtidas e 8 mil retuítas e comentários como “Esse tipo de *thread* é superimportante. Tem realmente quem não entenda de política e quer entender e saber o que *tá* acontecendo” e “Leitura bem didática e fácil!”.

Salienta-se, porém, que a *thread* em questão é naturalmente informativa, sem análises aprofundadas ou fundamentação político-científica e, por isso, pode ser perigosa no que tange à Paz Social. Para evitar que interpretações caóticas se disseminem, tanto leitores quanto escritores devem sinalizar que se trata de uma teoria informativa, sem caráter analítico.

De outro lado, vemos a poderosa ferramenta de disseminação de conteúdo que é o Twitter e o formato *thread*: milhares de pessoas foram alcançadas com a *thread* da autora @fatouoficial, que, de alguma forma, foram informadas do que estava acontecendo naquele momento.

Literatura - @brunalacuna

<https://twitter.com/brunalacuna/status/1095789776425365516>



É de se pensar, em um primeiro momento, que as *threads* de literatura são, por óbvio, minicontos literários. @brunalacuna, porém, nos traz uma *thread* repleta de curiosidades sobre a literatura, vida e obra de autores como Machado de Assis e Clarice Lispector e gêneros literários: “A *thread* das *threads*”. Trata-se, na realidade, de um compilado de *threads*: uma *thread* lista todas as outras *threads* escritas por @brunalacuna sobre literatura, organizadas por assunto de forma a facilitar o acesso àquilo que mais interessa ao leitor.

A primeira delas diz respeito à forma como a autora enxerga a literatura e as curiosidades existentes no meio. @brunalacuna instiga os leitores: “1 *like* = uma curiosidade sobre ser escritora e pesquisadora/professora de literatura”. Isso porque, no Twitter, um assunto só é importante se houver leitores, ou seja, todo assunto é importante, desde que tenha quem escreva e quem leia. A autora, até então, publicou 79 curiosidades literárias, sendo a primeira delas a seguinte:

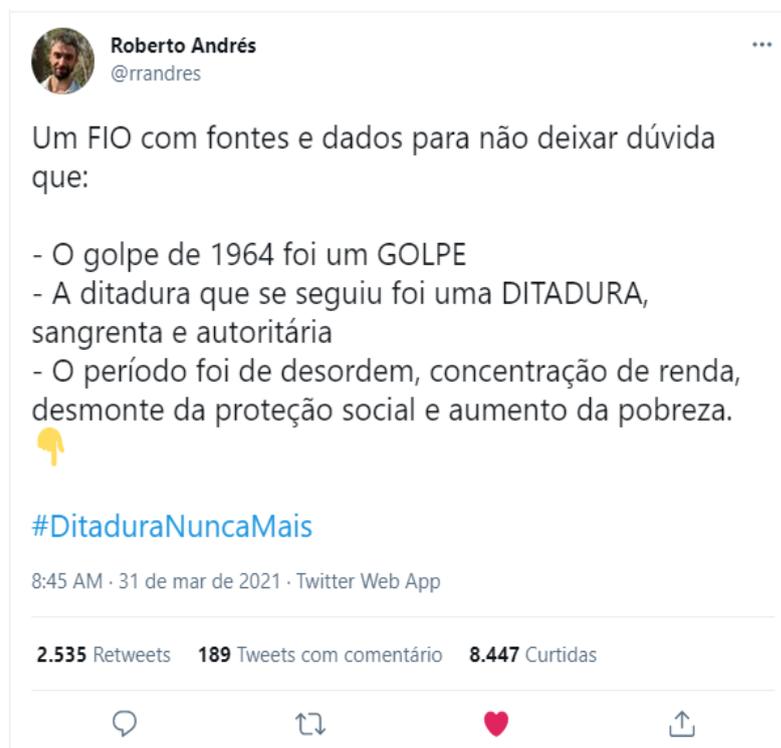
1 – O apelido do Machado de Assis era “Bruxo do Cosme Velho” porque ele tinha um caldeirão do lado da mesa de escritório, no qual ele queimava rascunhos de textos e cartas que recebia. E, claro, porque morava na Rua Cosme Velho, 18. Ele recebeu o apelido em vida, pelos amigos.

A supracitada *thread* teve mais de 2 mil curtidas e 624 retuítas, além de comentários como “Essa mulher escreve os melhores fios do Twitter. E de graça!” e “Coisas que a gente só vê no Twitter (eu amo esse país da Internet). Amei a *thread*!”.

@brunalacuna é uma das autoras que fomentam o assunto da literatura no Twitter e acredita que a rede é uma ferramenta fundamental para a democratização da área literária.

História - @rrandres

<https://twitter.com/rrandres/status/1377225498066104320>



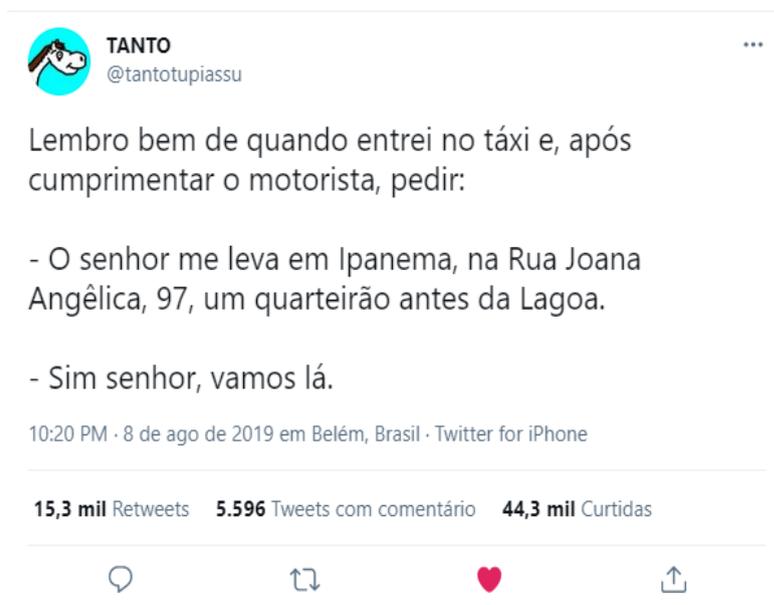
A História no Twitter quebra paradigmas quando pensamos em livros com extensas páginas, datados desde o início da história – e antes de ser pensada como história –, cuja serventia está muito mais para a Biblioteca de Alexandria do que para um acervo digital, por exemplo. No Twitter, essa ciência passa a ser vista didaticamente, de maneira resumida para que, pelo menos um pedaço da história, esteja dentro do espectro das redes sociais, as quais figuram como espaço de *marketing*, distração, socialização e amostras, informações jornalísticas, e não como espaço de ensino-aprendizagem.

Com o advento das *fake news* e a notória falta de combate a elas, vemos, cada vez mais, tuítes que se encarregam de publicar fatos históricos e documentados a fim de conter a propagação de notícias falsas. Nesse contexto e diante da celebração ao #31demarço no Twitter – data em que o Brasil sofre um Golpe Militar em 1964 –, @rrandres publicou em sua conta uma *thread* contendo fatos sobre o Golpe de 64 e o porquê de 31 de março não ser uma data comemorativa, e sim de #DitaduraNuncaMais. O autor apresenta dados da Comissão da Verdade e fontes que corroboram para a defesa do seu posicionamento – e de outros milhares de brasileiros. A *thread* escrita por @rrandres teve 8 mil curtidas, 2 mil retuítos e comentários

como “Uma verdadeira aula de História do Brasil. Perfeito!” e “Leitura essencial nesse 31 de março.”.

Miniconto - @tantotupiassu

<https://twitter.com/tantotupiassu/status/1160928329043795968>



Os minicontos são o cerne do que entendemos por tuitertura: minitextos literários publicados no Twitter, sendo majoritariamente originais, isto é, escritos por e para usuários da rede em um primeiro momento. Trata-se de uma história ficcional – ou não ficcional, conforme abordaremos adiante – contada a partir de fragmentos, de forma linear e ligada por um fio.

Trazemos aqui um miniconto escrito por @tantotupiassu, em 2019, intitulado pelo @MomentsBrasil como “Um táxi, uma conversa trivial e uma profecia assombrosa: um acidente está prestes a acontecer!”. Nele, @tantotupiassu aborda a vida e a morte, e nos faz pensar sobre as dualidades e os mistérios que permeiam a vida após a morte por meio de diálogos curtos, contemplativos e saudosos, que dão ao miniconto um caráter sensível, romântico e espiritual. Ao final, @tantotupiassu conta que o miniconto foi escrito – boa parte – a partir de um sonho.

O miniconto Um táxi, uma conversa trivial e uma profecia assombrosa: um acidente está prestes a acontecer teve 44 mil curtidas e 15 mil retuítes, alcançando milhares de pessoas, de diversas classes sociais, idades, de todos os cantos do Brasil. Os comentários acerca da *thread* também são diversos, e vão desde “Melhor *thread* que já li na vida!” até “Eu estou em

um misto de sem reação, completamente apaixonada e um pouco triste também.”. Assim, vemos que as nuances de um miniconto, por vezes, desprezioso, pode acessar lugares íntimos dos que o leem. É possível, ainda, que esse texto tenha sido a única leitura literária de alguém em um mês.

Não ficção - @crisayonara

<https://twitter.com/crisayonara/status/1218292458276212736>



Os textos de não ficção são caracterizados pela não responsabilidade do autor diante da veracidade, ou não, dos fatos. No Twitter, as publicações de não ficção figuram como as principais *threads* do campo literário, uma vez que o formato de tuítes compilados em 280 caracteres limita a contação de grandes histórias ficcionais, que dependem de narrativas aprofundadas sobre um personagem, por exemplo. Isso porque deve-se considerar que, nas redes sociais, os leitores buscam leituras curtas, de alguns minutos ou algumas horas – diferentemente de um livro propriamente dito, que leva dias ou até meses.

Nesse sentido, @crisayonara publicou uma *thread* em que instiga os leitores a pensar sobre a existência de reptilianos, intitulada “Os reptilianos, sua origem, seu objetivo e as provas mais convincentes de sua existência: a *thread*”. Nela, a autora ressalta que as informações trazidas na *thread* não ilustram a opinião dela, sendo um compilado de notícias

retiradas de *sites* e *blogs*. Vale salientar que tal ressalva também é um artifício utilizado pelos autores de *threads* para se anular da autoria de fatos ou dados trazidos que, por sua vez, podem, ou não, ilustrar a veracidade da informação. Esta é a característica mais marcante dos contos de não ficção.

As publicações da *thread* têm diversas imagens – também uma das características desse tipo de texto – e teve 46 mil curtidas e 6 mil retuítes, além de comentários como “Essa foi a melhor *thread* que já li no *site!*”. Além disso, por ser uma teoria da conspiração, gerou uma discussão entre os usuários: há aqueles que acreditam e aqueles que não acreditam. O fato é que a leitura proporcionou debate e construção de pensamento crítico.

2.3.1. @Uma breve introdução à não ficção

Não ficção é um gênero literário que retrata um fato, um assunto ou um acontecimento a partir da visão do autor, de modo que esta pode influenciar a história de acordo com preceitos individuais – ou coletivos, quando falamos em um editorial, ou, ainda, em “realidade, como o ensaio, as crônicas de viagem, as memórias, a biografia e a autobiografia, assim como o relato historiográfico e os diferentes gêneros jornalísticos”, conforme apontam Domleo e Narvay (2020, p. 24).

Analisando a não ficção especialmente no âmbito do Twitter, pode-se inferir que este é o gênero tuitário que predomina na rede. Isso porque os fatos, os microcontos, os tuítes e os fios são expressos conforme a visão de quem os publica na sua conta pessoal. É o caso, por exemplo, do fio de não ficção apresentado nesta pesquisa, da autora @crisayonara, em que ela expressa, a partir da própria visão, a teoria da existência de reptilianos, a qual não pode ser considerada ficção porque está dentro do espectro da realidade, tampouco pode ser considerada um fato científico porque não há evidências dessa existência; trata-se, então, de um fato narrado sob a visão não ficcional.

Ademais, cabe salientar que o gênero aqui analisado é caracterizado pela exploração das percepções do leitor, isto é, busca-se atingi-lo como parte da história narrada, como enfatiza Recuero (2011):

(...) as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras. Essas palavras, constituídas como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais. É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia, na informação. (RECUERO, 2011, p. 27).

É impossível, portanto, falar de tuitatura sem falar de não ficção, uma vez que esta é fundamental na percepção de potenciais leitores, na construção literária e no fazer literatura dentro do Twitter. Não se pode, também, falar de não ficção sem abordar aspectos que permeiam a temática da expansão da literatura no mundo digital, principalmente no que tange ao extraordinário alcance das redes sociais através da Internet, uma vez que esse gênero literário se firmou como um dos protagonistas no mundo contemporâneo.

Relativamente à estética textual não ficcional, Silva (2020) nos traz que a comunicação e o Twitter representam o novo; uma nova forma de se comunicar no meio digital, em que as interações são cruciais para a subsistência no espaço-meio e se constroem a partir não apenas de dois interlocutores, mas de milhares inseridos em um mesmo nicho.

O Twitter remedia o real e se apresenta como a realidade pseudonova, um espaço para práticas sociais em rede, dentre elas, a experimentação estética, e constrói um simulacro. Apaga a grande parcela de contaminação e se torna a interface do novo, na qual a mediação se esvai e o que vemos na superfície é uma experiência direta da novidade. No entanto, a conexão com o anterior continua lá. (SILVA, 2020, p. 97)

A estética dos tuítes voltados para a tuitatura – incluídos aqui os de caráter político-social e de entretenimento – segue um padrão: no formato *thread*, percebemos que os autores iniciam seus compilados com o chamado “Segue o fio”, em português, e “Abro hilo”, em espanhol:

← **Sequência**

 **Graziela Caponi**
@grazieadio

Terminei um pedido pra liberar um cara preso há DOIS ANOS no lugar do irmão. Vale livro? Conto? Filme? Infelizmente, as misérias do cárcere, na vida real, não dão audiência. Acreditar que lá dentro é só bandido é uma mentira confortável pra quem nunca entrou. 🙄
Segue o fio 🙄

7:59 PM · 7 de abr de 2020 · Twitter for Android

4.427 Retweets 335 Tweets com comentário 26,6 mil Curtidas

 **Nagore Suárez**
@NagoreSuarez

Estoy pasando la cuarentena con unos amigos en casa de uno de ellos. Mucho parchís, muchas risas y maratones de películas. Pero esta mañana, cuando nos hemos levantado, uno de ellos no estaba. No sabemos qué ha pasado, pero creo que no se ha ido voluntariamente.

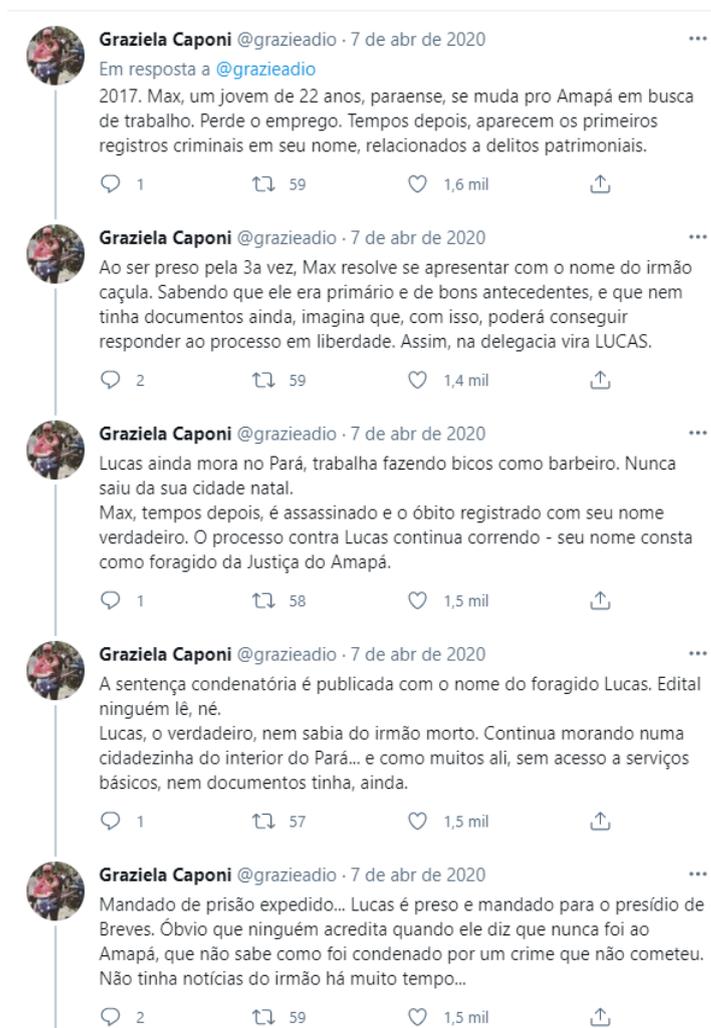
Abro hilo. ↓
[Traduzir Tweet](#)

1:32 PM · 20 de mar de 2020 · Twitter for iPhone

24 mil Retweets 4.161 Tweets com comentário 110,7 mil Curtidas

O fio – ou *hilo* – representa a literalidade da figura, isto é, o que se segue após o chamado “Segue o fio” ou “Abro hilo” é exatamente uma linha reta e linear, a qual mantém compilados todos os tuítes que fazem parte da *thread*:



A depender da intenção do autor, há imagens, *gifs*, links, vídeos etc. utilizadas, a rigor, em escritos ficcionais e não ficcionais, dado que têm a intenção de alcançar o íntimo do leitor, gerar empatia, reconhecimento e, naturalmente, maior engajamento. Nessa perspectiva contribui Lévy Pierre (1999) ao salientar que a comunicação interativa do mundo virtual proporciona maiores sensações e percepções que a comunicação telefônica, por exemplo, “uma vez que implica, na mensagem, tanto a imagem da pessoa como a da situação, que são quase sempre aquilo que está em jogo na comunicação.”.



Diante do exposto, percebemos que as características e ferramentas presentes no gênero tuitarário são tão particulares que se fazem opostas aos *blogs* e aos e-books, por exemplo, os quais se aproximam dos livros impressos. Exatamente por isso notamos a necessidade de análises e estudos acerca da tuitaratura e, não obstante, acerca da prática tradutória desses textos. Nesse sentido, vimos, para além da valorização desse gênero, a possibilidade de importação e exportação de escritos no Twitter entre diferentes nações por meio da tradução, e pensamos na tuitaratura como potencial objeto de prática de tradução entre estudantes e professores. Além disso, acreditamos que vivenciar a literatura é fundamental para a edificação do ser humano, e qualquer forma de valorizá-la deve ser explorada.

Entendemos, ainda, que o fazer literatura – em especial aquela produzida no meio digital – deve acompanhar os avanços sociais, culturais e tecnológicos, assim como os estudos e a prática literária devem acompanhar as novas formas de percepção de mundo. Exatamente nesta perspectiva está a tuitaratura: embora esse fazer literário tenha dado os primeiros passos na última década, ainda não deu passos largos para alcançar a visibilidade obtida pelos e-books, por exemplo. Acreditamos que os estudos voltados a esse campo – que são limitados – possam servir de ferramenta de valorização do gênero tuitarário, uma vez que a pesquisa nos permite entender a plataforma, as características textuais, o público-leitor e, em um futuro próximo, a tuitaratura poderá se firmar como um gênero textual objeto de ensino desde o ensino básico, como na produção de microcontos, e objeto de pesquisa enquanto gênero que perpassa por aspectos sociais, culturais, estéticos completamente distintos do que vimos até aqui. Do mesmo modo, a tradução desses textos deve ser vista não só como mera transposição

de uma língua para outra; mas de um fazer literatura dispondo de um espaço limitado, interativo, que pode alcançar inúmeros leitores em poucas horas de maneira gratuita. Por último, mas não menos importante, percebemos que a tradução da tuitatura tem inúmeras problemáticas a serem trabalhadas em sala de aula, e que a discussão acerca do processo tradutório pode ser enriquecedora para o futuro profissional de tradução, o qual se vê diante de um texto que requer atenção aos limites de caracteres e ao vocabulário internetês.

3 #AUTORES TUITERÁRIOS

3.1 @Conhecendo as obras e os autores

Fernando Gurjão Sampaio, ou @tantotupiassu, é natural de Belém do Pará, advogado e escritor. Tanto colabora em algumas colunas de sites, como O Liberal e Papo de Pai – Fernando é pai de 5 filhos. Além de escrever contos – em sua maioria, de terror – no Twitter, conta suas histórias em um podcast – *Um Conto e Tanto* – e publicou um livro: *Ladir Vai ao Parque e Outras Histórias*. @tantotupiassu tem cerca de 122 mil seguidores no Twitter, e publica *threads* com frequência em sua rede.



Nagore Suárez, ou @NagoreSuarez, vive em Madri, na Espanha. Nagore tem 26 anos e é jornalista e escritora. Começou a escrever no Twitter e, atualmente, é considerada “a rainha do thriller espanhol” na rede social. A autora foi a vencedora da Feria del Hilo em 2019 com o hilo intitulado El álgel de la guarda. Em 2020, publicou seu primeiro livro: La música de los huesos, inspirado nas histórias de mistério que publica em seu perfil no Twitter. @NagoreSuarez é uma das autoras mais importantes no que concerne à tuitertura na Espanha e, por isso, tem grande relevância nesse contexto.



The image shows a screenshot of the Twitter profile for Nagore Suárez (@NagoreSuarez). At the top, there is a banner for her book 'LA MÚSICA DE LOS HUESOS' by Nagore Suárez, published by Penguin Random House Grupo Editorial. The banner includes the text 'YA A LA VENTA' and 'Nadie puede enterrar el pasado para siempre', along with a 'Disponible en ebook' icon. Below the banner is the profile picture of Nagore Suárez, a circular image of her. To the right of the profile picture are icons for more options, direct messages, notifications, and a blue 'Following' button. The profile name 'Nagore Suárez' and handle '@NagoreSuarez' are displayed. The bio identifies her as a journalist and writer, author of '#LaMúsicaDeLosHuesos' on @penguinlibros, with a link to bit.ly/3mbjhhj and a 'Translate bio' option. Her location is listed as Madrid, her Instagram link is Instagram.com/nagoresuarez, and she joined in March 2011. She has 440 following and 65.4K followers. A notification indicates she is followed by Guillem Clua. At the bottom, there are four tabs: 'Tweets' (selected), 'Tweets & replies', 'Media', and 'Likes'.

Nagore Suárez
@NagoreSuarez

Periodista y escritora. Autora de #LaMúsicaDeLosHuesos en @penguinlibros ✨
bit.ly/3mbjhhj
[Translate bio](#)

📍 Madrid 🌐 [Instagram.com/nagoresuarez](https://www.instagram.com/nagoresuarez) 📅 Joined March 2011

440 Following 65.4K Followers

👤 Followed by Guillem Clua

Tweets Tweets & replies Media Likes

Guillem Clua, ou @guillemclua, vive em Barcelona, na Espanha. O autor tem 48 anos e é roteirista, escritor e diretor. Diferentemente dos autores acima, Guillem não começou a escrever nas e para as redes sociais, mas para programas de TV, novelas e séries espanholas, sendo um dos dramaturgos mais influentes da Espanha atualmente. No Twitter, @guillemclua publica o seu primeiro hilo de sucesso em 2018, intitulado Emil y Xaver, cujas impressões na plataforma somam quase 200 mil, entre retuïtes e curtidas. Diante da gigantesca repercussão, a história de Emil y Xaver chegou no Twitter Brasil, tendo diversos comentários e curtidas por leitores brasileiros.



Guillem Clua ✓
@guillemclua

Dramaturgo, guionista, director, prosopagnósico, vigoréxico, hilandero tuitero, Premio Nacional de Literatura Dramática, feminista y maricón.

🗨 Pronombres: él/ell/he 🌐 guillemclua.com 📅 Joined April 2011

1,991 Following 72K Followers

👤 Followed by Nagore Suárez

Tweets Tweets & replies Media Likes

3.2 @A tradução

Para fins práticos, traduzimos o conto intitulado O menino de 11 anos, de @tantotupiassu, ao espanhol, tendo como base o Twitter e adaptando o texto ao seu formato.

3.2.1 @Comentários tradutórios

Iniciamos o processo tradutório sob uma visão macro, em que a leitura é realizada sob um panorama geral, cujo texto está sempre “cru”, pois se aprofundar nas particularidades dele é impossível. A primeira versão da tradução, por certo, tem esta característica: é uma tradução instintiva, que tem como base o transpor da língua, a estrutura sintática e a equivalência de sentido. Assim, logo no início do texto, temos a seguinte tradução:

Texto fonte	Versão 1
Era um final de tarde de setembro de 2011.	Era un final de tarde de septiembre de 2011.

Esta tradução foi realizada sob o prisma da tradução literal, em que o número de palavras e a ordem dos elementos é o mesmo, ainda sem considerar aspectos intrínsecos da língua – tanto fonte quanto alvo –, além de estar inteiramente apegada ao texto original.

A fim de sanar as dificuldades encontradas ao traduzir o corpus pela primeira vez, recorreremos à retradução, de modo que a recepção, nesta oportunidade, passou a ser prioridade, ao passo que a forma estrutural, sintática, foi posta em segundo plano. Torres (2017), postula a retradução como

uma manifestação de subjetividade por parte do (re)tradutor, principalmente a nível microestrutural, onde ele desfrute de sua liberdade de escolhas e decisões. Traduções e Re-traduições escrevem a memória histórica de um texto de outra cultura, escrito em outro tempo e espaço. (TORRES, 2017, p. 28)

Nesse passo, buscamos entender as escolhas tomadas em um primeiro momento, bem como refletimos sobre as escolhas atuais de maneira que fizesse sentido para o público-alvo.

Assim, ainda sobre o fragmento acima, e entendendo o texto como um novo texto, desapegado linguisticamente e culturalmente da versão original, consideramos como público-

alvo leitores da Espanha, buscamos equivalência de sentido e damos a importância necessária ao início de um conto, tendo como base o “Era uma vez, ...”. Nesse sentido traduzimos da seguinte forma:

Texto fonte	Versão 2
Era um final de tarde de setembro de 2011.	Érase una vez un final de tarde de septiembre de 2011.

Já na versão final, em que nos preocupamos em revisar e melhorar o texto, principalmente observando as escolhas textuais de escritores espanhóis, as características do gênero tuitário e as singularidades de cada país hispanofalante – neste caso, da Espanha –, optamos por substituir “un final de tarde” por “atardecer” a fim de estabelecer conexão cultural e lúdica entre texto-fonte e texto-alvo.

Texto fonte	Versão final
Era um final de tarde de setembro de 2011.	Érase una vez un final de tarde de septiembre de 2011.

Ainda nessa perspectiva, algumas coloquialidades presentes no texto, também característica do gênero literário em questão, na primeira versão foram traduzidas palavra-por-palavra, por exemplo:

Texto fonte	Versão 1
Mas deu ruim!	¡Pero salió mal!

Na retradução, considerando que “deu ruim” é uma expressão idiomática PT-BR, buscamos uma expressão que fosse equivalente em espanhol e que fosse inteligível aos leitores espanhóis:

Texto fonte	Versão 2
Mas deu ruim!	¡Pero la cosa se torció!

Na versão final, também com vistas ao melhoramento do texto, buscamos no Twitter frases que poderiam ser utilizadas em contexto semelhante, além de termos com maior incidência que traduzisse a expressão idiomática “deu ruim”. Dessa forma, embora “la cosa se torció” fosse uma escolha de tradução pertinente, optamos por traduzir “Mas deu ruim! por “¡Pero las cosas se complicaron!” em razão do caráter informal que este fragmento traz ao texto. Dessa forma:

Texto fonte	Versão final
Mas deu ruim!	¡Pero las cosas se complicaron!

Ao longo da tradução, entendemos que os processos tradutórios deveriam ser aprimorados visando ao receptor, ao leitor e às particularidades da língua espanhola. Do mesmo modo, vimos ser imprescindível a revisão textual, visto que, na primeira versão, erros gramaticais foram encontrados, como:

Texto fonte	Versão 1
Adepto do bandido bom, bandido morto	“bandido <i>buen</i> , es bandido muerto”

Com relação a este fragmento, por se tratar de um bordão, um ditado popular entre determinados grupos de inclinação política de extrema-direita, percebemos que a equivalência de significado era imprescindível para o entendimento do bordão por parte do leitor. Ora, se a expressão não existe em determinado país, seria necessária uma nota de rodapé; assim, pesquisamos por expressões semelhantes em espanhol, e encontramos a seguinte:

Texto fonte	Versão 2
Adepto do bandido bom, bandido morto	“un buen criminal es un criminal muerto”.

Na revisão final, porém, observamos que “un buen criminal es un criminal muerto” era uma tradução literal da expressão idiomática brasileira, estando, principalmente, em matérias relacionadas ao Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, publicadas em jornais da América Latina. Entendemos que era fundamental impor significado semelhante ao fragmento na língua espanhola, mas também era necessário levar em consideração as nuances culturais de

cada país. Por essa razão, optamos por traduzir “bandido bom, bandido morto” por “bandido bueno, bandido muerto”.

Texto fonte	Versão final
Adepto do bandido bom, bandido morto	“bandido bueno, bandido muerto”

Assim, considerando que a tradução literária requer olhares aguçados quanto à forma e o sentido, uma tradução literal do português para o espanhol é uma tradução que não suporta as características próprias desse tipo de texto. Isso porque, nele, há traços tanto de coloquialidade e informalidade quanto de regionalismo – no caso em tela, por exemplo, o autor é da região norte do Brasil, o qual traz em seus textos expressões próprias de onde vive. Parafraseando Roman Jakobson em *Linguística e Comunicação*, pensamos, a partir da problemática de tradução acima, que o autor seleciona palavras e as insere em frases, que são combinadas em enunciados; porém, o autor não é, de modo algum, completamente livre em tais escolhas: estas são feitas “a partir do repertório lexical que ele próprio e o destinatário da mensagem possuem em comum”. Nessa perspectiva, entendemos que o texto original é feito pensando em um público-alvo específico, o qual o autor compartilha ideias e pensamentos. A escolha de tradução, portanto, seguiu a mesma premissa.

Do mesmo modo, e entendendo que a gramática espanhola tem características próprias, como as colocações pronominais, e que devem ser consideradas em uma tradução:

Texto fonte	Versão 2 e final
me abracei ao moleque	lo abracé

Na primeira versão, porém, a tradução era baseada na equivalência, sem considerar aspectos linguísticos da língua de chegada:

Texto fonte	Versão 1
me abracei ao moleque	abracé al chico

Ainda considerando os aspectos gramaticais da língua espanhola:

Texto fonte	Versão 1
- Gente, deixa o menino ir.	- Gente, dejen ir al niño.

Texto fonte	Versão 2 e final
- Gente, deixa o menino ir.	- Dejad que se vaya.

Para estabelecer sentido ao público-alvo diante da diferença entre as línguas PT e ES, utilizamos a teoria funcionalista de Christiane Nord (1991), em que a prioridade é estabelecer contato entre a parte comunicante e a parte comunicada considerando experiências próprias do receptor e as funcionalidades de certos tipos de textos, de modo a garantir que o mínimo de informação se perca. Nesse sentido, a escolha de tradução do elemento acima foi tomada tendo em vista que “Gente,” é um vocativo muito utilizado em PT-BR para interpelar interlocutores – muitas vezes, inespecíficos. No inglês, por exemplo, uma tradução possível seria: “Guys,”; porém, no espanhol, optamos por inserir o imperativo para invocar os interlocutores de maneira imperativa, e adaptando, por certo, o verbo à regência adequada.

Por fim, ao adaptar versão final nos moldes de cada tuíte – 280 caracteres – foram necessárias mais adaptações. Para isso, suprimimos palavras ou frases de modo que não resultasse em perda semântica nem gramatical do trecho. Assim:

Versão final	Versão tuíte
- No, señor, vamos a llevar a este mierda (le llamaron mierda al niño) - Yo también voy. - No hace falta. - Insisto. - Entonces venga delante. - Y él también viene conmigo. - Es un delincuente , es peligroso. - Solo tiene 11 años, vosotros sois tres chicarrones. ¿Qué os puede hacer él?	- No, señor, vamos a llevar a este mierda (le llamaron mierda al niño). - Yo también voy. - No hace falta. - Insisto. - Entonces venga delante. - Y él también viene conmigo. - Es peligroso. - Solo tiene 11 años, vosotros sois tres chicarrones. ¿Qué os puede hacer él?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente às reflexões apresentadas nesta pesquisa, percebemos a urgência de valorização do cenário literário presente – e em ascensão – no Twitter, posto que este ainda está esquecido por parte dos pesquisadores em literatura. Tendo como base o ensaio de Antônio Cândido sobre o Direito à Literatura, ponderamos acerca da necessidade de expansão de uma literatura plural, democrática e inclusiva, e vimos, no Twitter, recursos e características próprias que permitem essa expansão de maneira não apenas cultural-literária, mas tendo a tuitatura também como material didático. Refletimos, ainda, sobre a situação literária no Brasil e sobre a dificuldade de acesso à literatura por parte daqueles que possuem poucos recursos, seja financeiro, seja educativo. Nessa perspectiva, entendemos que a valorização da literatura não se inicia apenas nas escolas, mas nos diversos campos da vida, inclusive o campo tecnológico, dado que os brasileiros têm atribuído valor aos meios de tecnologia, como *Smartphones* e redes sociais.

Conscientes das particularidades enfrentadas pela população no que tange ao consumo de literatura, partimos para o estudo dos recursos e características do Twitter e da tuitatura. Apresentamos as singularidades do gênero tuiturário e sua potência enquanto um importante novo gênero da literatura digital, tendo como base as contribuições de Raquel Recuero em seus estudos sobre literatura e redes sociais. A partir disso, observamos que os autores tuiturários não são propriamente escritores, mas usuários comuns que compartilham pensamentos, ideias, histórias em tempo real, de forma que a interatividade e a conectividade são importantes pilares de comunicação entre autor-leitor.

A fim de edificar, valorizar e instigar a pesquisa sobre literaturas plurais, como a tuitatura, defendemos que os estudos acerca da literatura no contexto tecnológico sejam voltados às novas formas de fazer literatura. Além disso, pensamos que a tuitatura é – e será – uma importante ferramenta de disseminação e democratização da leitura entre os mais diversos campos sociais e culturais.

Diante do exposto, percebemos que, para além da valorização da literatura, a tuitatura deve ser objeto de tradução com vistas não somente à interação entre falantes de línguas distintas dentro do Twitter, mas também com vistas à prática tradutória desse gênero literário considerando as particularidades presentes na rede social. Com isso, entendemos que as dimensões da tuitatura são diversas, pragmáticas, e seu potencial alcance ainda não é visto como deveria. Assim, acreditamos ser necessária a promoção de estudos voltados a esse cenário de expansão da literatura e de disseminação da cultura da leitura.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt; MAZZEO, Riccardo. **O elogio da literatura**. [S. l.]: Zahar, 2020. 152 p.
- CAMARGO, Raquel. **REFLEXÕES SOBRE A TWITTERATURA: ESTUDO DE CASO SOBRE ROMANCE SD8 ADAPTADO PARA O TWITTER**. [s.l.]: 2010. Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco/es/sistema-estadual-de-bibliotecas-publicas/leituras-recomendadas/Twitteratura.pdf>.
- CÂNDIDO, Antonio. **O direito à literatura in Vários Escritos**. 3ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 171-193.
- DOMLEO, María Daniela; NARVAY, Agustín. **Tuiteratura: la reinención de la literatura a través de los microrrelatos de non ficción en hilos de Twitter**. UADE, 2020.
- GLOTZ, Raquel Elza Oliveira; ARAÚJO, Verônica Danieli Lima. O letramento digital enquanto instrumento de inclusão digital e democratização do conhecimento: desafios atuais. **Revista Paidéia**, [S. l.], v. 2, n. 1, 30 jun. 2009.
- HAYLES, N. Katherine (2008). **Electronic literature: new horizons for the literary**. Indiana: University of Notredame.
- JAKOBSON, Roman. **Aspectos lingüísticos da tradução**. In: *Lingüística e comunicação*. Trad. de Isodoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970. p. 63-72.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- LEMONS, André. *Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época*. **Olhares sobre a cibercultura**, p. 11-23, 2003.
- LÉVY, Pierre (1999). **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34.
- NORD, Christiane. **Text Analysis in Translation: theory, methodology and didactic application of a model of translation-oriented text analysis**. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991.
- RECUERO, R. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook**. *Verso e Reverso (Unisinos. Online)*, v. 28, p. 114-124, 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.06/4187>
- _____ **Redes sociais na Internet**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- ROCHA, Gustavo Gomes Siqueira da; NETO, Alberto Lopo Montalvão. ARGUMENTAÇÃO NAS REDES SOCIAIS: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA THREAD VIRAL DO TWITTER. In: ANAIS DO ENCONTRO VIRTUAL DE DOCUMENTAÇÃO EM SOFTWARE LIVRE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE, [S.l.], v. 9, n. 1, nov. 2020. ISSN 2317-0239. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/17729/1125613812

SCHWARZ, Roberto. **O pai de família e outros estudos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Raphaelle Nascimento. **Uma face da Twitteratura: A produção de microcontos no Twitter**. 2020. Salvador, 2020.

TORRES, Marie-Hélène. **Por que e como pesquisar a tradução comentada?** [s.l.]: [s.d.]. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40930/1/2017_captiv_mhtorres.pdf

